

Paulo-Roberto Andel

Oi, Carnaval

Carnaval já é. Ok, não parece? Tem certeza? O silêncio lá fora não rima com a festa da folia?

Tudo bem que nessa tarde quente, estou escutando meu herói David Gilmour berrar “Shine on You Crazy Diamond”, o clássico de “Wish You Were Here”, desta vez numa pérola do CD “The Later Years”. O tempo não espera. Dia desses Gilmour disse que prefere “Wish You Were Here” a “Dark Side of the Moon”. Quem sou eu para contestá-lo? Gosto dos dois. Gilmour é de 1946, e está à beira dos 78 anos. Eu o conheci com 36. Pink Floyd de lado, mas já é carnaval?

Espio pela janela da loja e quase não há carros. Os pedestres desapareceram de vez e o fim de janeiro é absolutamente silencioso no Centro do Rio, já tão sofrido pelos últimos anos. Agora, silencioso durante os chamados dias úteis, porque os finais de semana têm atraído multidões para a região, naturalmente por causa dos blocos comandados por aviões como Lexa e grande elenco. É gente pra todo lado.

Já é carnaval. A rua tem uma certa cara de feriado emendado. Na praça Tiradentes, policiais e pessoas em situação de rua convivem pacificamente debaixo da mesma sombra de árvore, bem perto do primeiro ponto de ônibus. O calorão é de derreter.

No fundo, no fundo, todos estão esperando chegar a grande festa de vez. E logo me lembro de Bola, o mitológico Rei Momo dos anos 1990, com toda a sua irreverência e carisma. Morreu jovem, uma pena. Certa vez o vi na Rua de Santana e gritei do outro lado da rua: “Bola, um deus”. Sorridente, ele começou a fazer evoluções e

saudações. Um lorde como não se faz mais.

Samba, alegria, beleza, sensualidade, diversão, sexo, a magia indescritível do desfile das escolas de samba, os bailes que ainda sobrevivem, os blocos que viraram uma febre de vez pelas ruas cariocas. O bicho pega, literalmente. Melhor dizendo, o bicho manda.

Lá vêm turistas de toda parte, encantados, se divertindo a valer, preferencialmente sem nada de grave acontecer, como às vezes acontece nessa cidade turbulenta.

O Carnaval tem uma força que nem o futebol consegue. Quando ele está a caminho, tudo fica aos pés, ao seu entorno, nada pode ultrapassá-lo. O futebol, não: tem uma grande decisão no domingo, segunda-feira a vida segue. No Carnaval, amigo, vinte dias antes da festa já tá todo mundo em ritmo de pressão e é natural que seja assim, especialmente para quem trabalha no desfile do Sambódromo. É o serviço e o esforço de um ano inteiro que está em jogo em 50 ou 60 minutos.

Duas e meia da tarde. Timidamente houve algum movimento na rua. Um carro da polícia toca a sirene para nada, apenas passar o sinal. Não há sequer potenciais presos aqui na rua vazia.

Off Carnaval, só mesmo David Gilmour cantando, desta vez com doçura, “Us and them”. É de longe, da turnê “Delicate sound of thunder”, 1989. Tempos de Luciene, Martha Rocha, Danielle e Alessandra. Comecinho de faculdade. Como meu diploma se encaminha para 30 anos, temos a certeza do tempo implacável. Tudo bem. Vivamos. O Carnaval está aí, com seu presente e passado.

Eu quero ser o primeiro a saudar Iemanjá

Arpoador recebe festejos em honra da Rainha do Mar com samba, jongo, afoxé e gastronomia

Divulgação



Os festejos de Iemanjá no Brasil remontam ao século 19

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Dia 2 de fevereiro, dia de festa do mar, como já cantava o mestre Dorival Caymmi. Essa data ela é muito importante em várias culturas, desde tempos imemoriais. É o primeiro dia da sétima semana, após o equinócio de inverno, prenúncio de possível primavera. Nos Estados Unidos, virou Dia da Marmota. Para os católicos também marca a comemoração da apresentação de Jesus ao Templo. E no Brasil, com seu sincretismo, se comemora Nossa Senhora de Santanna e Iemanjá.

A tradição remonta ao século 19 quando os pescadores se dirigiam, na Praia do Rio Vermelho, em Salvador, para fazer uma romaria no mar para Nossa Senhora da Ajuda. Em 1923, passaram a ofertar presentes

para Iemanjá, pedindo boas pescarias. Ainda hoje, a festa de 2 fevereiro é uma das nossas maiores manifestações populares, levando centenas de milhares de pessoas a levarem os presentes: alfavema e flores.

No Rio, as comemorações acontecem no Arpoador com um evento, totalmente gratuito, vai das 15h às 22h, reunindo atrações como Samba de Criolo, Nina Rosa, Ogan Bangbala, Afoxé Filhas de Ghandy, Jongo do Vale do Café, Tião Casemiro, Ogan Kotoquinho, Pai Dário, Companhia de Aruanda, Orin Dudu, Iza Dior-di, Ilê Axé Onixêgum e o músico Marcos André, idealizador desta celebração. Também vai ter a Feira Crespa, que vai levar gastronomia (acarajé), roupas e acessórios.

“A festa carioca para Iemanjá era uma tradição antiga inventada pelos terreiros nas areias da Zona Sul, liderada pelo célebre pai de santo e

sambista Tatá Tancredo em 31 de dezembro, dia de Iemanjá na umbanda. Poucos sabem que essa foi a origem do costume de passarmos a virada do ano na praia - o que acabou se tornando a maior festa de rua do mundo, assim como a prática de vestir branco, jogar flores no mar e pular sete ondas”, diz Marcos André, que mobilizou cerca de 120 mestres, entre líderes religiosos, artistas e filhos de santo, todos integrantes da rede de comunidades tradicionais que ele coordena em Madureira e em quilombos do Estado do Rio.

A parte gastronômica da festa será da Feira Crespa, uma ação afirmativa itinerante que tem como objetivos principais a valorização da mulher negra, o fortalecimento de afroempreendedores e o aumento do repertório dos participantes sobre a cultura afro-brasileira e sua história. O projeto traz o eixo econômico juntamente com o social e cultural, além da feira de afroempreendedorismo.

Aos 104 anos, o Mestre Bangbala - Ogan mais antigo do país em atividade e patrono do Dia de Iemanjá no Arpoador, vai conduzir o encontro, junto com Pai Dário, descendente da Casa Branca, primeira casa de candomblé do Brasil e um dos líderes do jongo do Morro da Serrinha.

Todas as oferendas do ritual serão biodegradáveis. Pede-se ao público que não leve plástico, vidro ou madeira. É uma saudação à Rainha do Mar, à sua morada e às forças da natureza. Somente flores e frutas serão oferecidas nas águas. Ao final, o público será convidado para um mutirão de limpeza das areias, calçada e pedra do Arpoador.

“Essa celebração é um resgate e reconhecimento da história do Tatá Tancredo. Fico feliz de colaborar para devolver esse espaço no coração da Zona Sul para o povo de santo”, completa Marcos André. E dizemos Odoyá, a palavra de Yemanjá. Que a Rainha do Mar nos proteja a todos.

SERVIÇO

DIA DE IEMANJÁ
Praia do Arpoador
2/2, a partir das 15h
Entrada franca